

## Caderno 40

De 01/01/1947 até 19/03/1947

### Janeiro - 1947

- 1º** – Quarta. A última noite do ano de 1946, eu e a minha esposa Marina a passamos em casa do nosso genro Luís e Aurora Busato. – Sendo que ontem de tarde andei a arrumar os meus casos de consciência ao Rev.º P. Boleslau Costa, no seminário do verbo Divino, hoje assisti ao ofício da Sta. Missa e da Santa Comunhão.
- 6** – Segunda. Hoje fui comprar na cidade um vidro de Pílulas de Witt na farmácia central pelo preço de ..... Cr\$ 11,00  
 – E um vidro de Pílulas da Vida por ..... Cr\$ 4,00  
 – Por 2 dúzias de pimentões ..... Cr\$ 8,00  
 – Por selos no correio ..... Cr\$ 5,00  
 – Por bitter Águia em mais vezes ..... Cr\$ 3,00  
 – Por um caderno em branco ..... Cr\$ 5,00  
 – Por jornais, várias vezes ..... Cr\$ 3,00
- 11** – Sábado. Conforme um telegrama que o filho Vitorino expediu ao seu padrinho Luiz Busato hoje às 18 horas, que dizia:  
*Tudo bem. Seguiremos amanhã via férrea. Encontrei-me com Luizinho Dall'Acqua.*
- No mesmo dia chegou outro de Criciúma ao Eduardo, em resposta de um que ele enviou ao P. Rev.º. daquela cidade e que pedia informação se o seminarista Dall'Acqua tinha embarcado rumo a Ponta Grossa; a resposta foi a seguinte:  
*Seminarista Dall'Acqua seguiu Ponta Grossa à 5 dias.*  
*Pedro*
- Eu junto a Marina, às 14 horas, segui para a cidade, onde fomos em casa da filha Aurora, onde também passamos a noite.
- 12** – Domingo. Assistimos a missa das 7 e 30. Hoje temos a esperança de que chegará o filho Vitório de Criciúma.  
 – O dia passou todo sem que chegasse o Vitório. Foi uma decepção! Às 21 e 30 fui me deitar.
- 13** – Segunda. Estávamos preocupados com a demora do filho Vitório, quando com nossa surpresa, às 14 horas, chegou acompanhado por um seu colega morador da cidade de Castro (Paraná). Foi uma surpresa muito alegre que nos deixou muito contentes. Foi uma festa.
- 15** – Quarta. Junto ao filho Vitório, fui no seminário do Verbo Divino, onde o apresentei ao Rev. P. Costa para que o mesmo agradecesse ao dito Padre pela Sta. Missa que ele me encarregou de mandar rezar em homenagem a São Judas Tadeu e que o dito Padre rezou grátis em ... de ....., mas fizemos a viagem inutilmente devido à ausência do dito Padre.  
 – Fomos no bar do italiano Nicola Palumbo, onde o Vitório tomou um guaraná e eu tomei um copinho de bitter Águia, que entre os dois custou ..... Cr\$ 5,00  
 – No dia 13 do corrente entreguei ao neto Eduardo a carta que escrevi ao R. P. pároco de La Valle Agordina, que por sua vez o Eduardo a entregou ao seu cunhado Rubens Caprillhone a fim de que o mesmo a enviasse para a Itália pelo correio registrado. O Sr. Rubens pensou de enviá-la por meio de aviação, que conforme o recibo do registro custou **Cr\$ 23,00!** Dinheiro que não paguei.
- 16** – Quinta. Nesta data registrei no correio um par de sapatos de minha propriedade, em bom estado e que a mim me calça mal, pois para mim são um tanto apertados, e os mandei registrar cujo número de registro foi 170 e enviados ao genro Fedele Zanatta de Evangelista de Guaporé, a fim de que o mesmo os entregue ao seu filho seminarista Euclides.  
 – Na remessa tive de declarar o valor do conteúdo, que foi declarado de Cr\$ 100,00. Pela despesa de registro ..... Cr\$ 4,20

**18** – Sábado. Durante a noite o vento soprou com bastante violência até a meia-noite na hora que principiou a chover, quase até o amanhecer. Às 9 horas o tempo permitiu-me subir no Alto da Montanha.

– O filho Ovídio encarregou-me de retirar no escritório da Cia Curtidora Cr\$ 1.000,00, que recebi do sócio da administração Sr. Marcelino Busato.

– Em seguida fui em casa da filha Aurora, onde almocei. Depois, conforme ordem da nora Aurora, esposa do Ovídio, mandei a Marina fazer uma comprinha que custou Cr\$ 18,00. Que junto aos restantes Cr\$ 982,00 os levei e os entreguei a dita nora.

– Hoje recebi da filha Itália de Guaporé uma carta, anunciando-me que, Teresa Tizziani, tendo ido visitar a sua irmã, aproveitou de fazer-lhe também uma visita. Nesta ocasião ela lhe pediu o favor de trazer-me um dinheiro que o Beppi, seu marido, sendo meu procurador, recebeu da prefeitura municipal de Guaporé, a importância de Cr\$ 1.680,00, correspondentes aos 5 meses desde agosto até todo dezembro p.p., sendo que desta importância ela retirou Cr\$ 600,00, dinheiro que lhe pertencia, sendo que na ocasião que o Vitorino precisava de dinheiro aí no seminário, a Itália lhe fez a remessa daquela soma, portanto a meu haver era de Cr\$ 1.080,00, mas ela pensou, que em ocasião das festas natalícias e início do ano novo de presentear-nos com Cr\$ 70,00, assim recebi do amigo Sr. Ângelo Comel a soma total de Cr\$ 1.150,00.

**19** – Domingo. Dia de forte chuva que continuou quase o dia inteiro.

– Dia da eleição dos presidentes estaduais, deputados e parte dos senadores. O filho Onésimo e sua esposa Florinda foram votar. Na tarde, na ocasião de voltar para casa, passaram na residência de seu cunhado Luiz e aí receberam a carta que trouxe de Guaporé o Sr. Comel, com inclusos os Cr\$ 1.150,00 que me remeteu a filha Itália. O mesmo Sr. Comel trouxe também uma carta de Caçador da filha Gelsomina.

**23** – Quinta. Hoje subi às 10 horas. Passei o dia inteiro em casa da filha Aurora.

**24** – Sexta. A noite, a passei junto a minha esposa Marina em casa da filha Aurora.

– Nesta data, o neto Nando andou para Iguazu, onde foi buscar as suas coisas que ainda tinha naquela localidade.

– Subi na cidade às 10 horas, onde permaneci o dia inteiro e onde passei a noite também em casa da filha Aurora.

– Nesta data emprestei ao genro Luiz, a pedido, Cr\$ 100,00.

**26** – Domingo. Assisti a missa das 9 horas na catedral.

– De tarde, às 15 horas, junto a Marina, a filha Aurora e ao filho Vitorino, descemos na chácara, onde eu e os 3 filhos: Onésimo, Ovídio e Vitório jogamos Tressette.

– De tarde, às 17 horas choveu um pouco, mas o bastante para não me deixar subir na cidade.

**27** – Segunda. A fim de auxiliar o filho Vitório para comprar o livro “Método Musical”, o qual custou Cr\$ 65,00, eu pelo momento concorri com ..... Cr\$ 45,00

– Sendo que o filho Ovídio ajudou com ..... Cr\$ 20,00

– Na livraria católica S. Luiz “Por minha irmã” ..... Cr\$ 5,00

– Nesta data comprei na casa “Longhe”, um potezinho de esmalte preto por ..... Cr\$ 5,00

– Na ocasião em que estivemos no seminário do Verbo Divino onde na livraria católica compramos os ditos 2 livros, o filho Vitório, como de sua obrigação, aproveitou para conhecer o P. Boleslau Costa, de que antes não se conheciam entre eles, e no mesmo tempo agradece-lo pelo favor de ter rezado a missa, que eu em nome do Vitório, lhe encomendei, e que a rezou grátis, pela sua bondade. Boleslau ficou muito contente de Vitório. Às 17h despedimo-nos agradecendo-o.

– Em seguida eu e Vitório estivemos na Tinturaria Esperança onde lhe entreguei um chapéu branco; um tanto meio largo para a minha cabeça, a fim de lavá-lo e tingi-lo de preto e diminuí-lo da largura.

– Hoje voltou de Iguazu o neto Fernando.

**28** – Terça. Às 10 horas desci na chácara. Comprei um jornal ..... Cr\$ 0,50

– Por caramelos ..... Cr\$ 1,00

– Dinheiro para a Marina ..... Cr\$ 20,00

**29** – Quarta. Subi na cidade às 10 horas, onde vou passar a noite em casa da filha Aurora. Por selos na Coletoria Estadual ..... Cr\$ 4,00



A pacata Ponta Grossa dos anos 50, o convívio entre as carroças e o automóvel. À esquerda a estação ferroviária e à direita a Praça João Pessoa.

Fonte: <https://paulodafigaro.blogspot.com/2014/09/ponta-grossa-era-assim.html>

**30** – Quinta. Hoje recebi do neto Eduardo os 100 cruzeiros que tinha emprestado a seu pai em 25 do corrente.

– Segue a relação das despesas durante o mês:

Pílulas De Witts	Cr\$ 11,00
Pílulas da Vida	Cr\$ 4,00
Pimentões, 2 dúzias	Cr\$ 8,00
Selos do correio	Cr\$ 5,00
Dinheiro à Marina	Cr\$ 10,00
Bitter Águia	Cr\$ 3,00
Por um caderno	Cr\$ 5,00
Jornais	Cr\$ 3,50
No Nicola Palumbo	Cr\$ 5,00
Por registro no correio	Cr\$ 4,20
Método Musical	Cr\$ 45,00
Um livrinho	Cr\$ 5,00
Esmalte preto	Cr\$ 5,00
Caramelos	Cr\$ 1,00
Dinheiro à Marina	Cr\$ 20,00
Selos na Coletoria Estadual	Cr\$ 4,00
Leite de janeiro	Cr\$ 45,00

## Fevereiro - 1947

**1º** – Sábado. Nesta data paguei ao filho Onésimo o leite que nos forneceu o leiteiro durante o mês de janeiro, na importância de ... Cr\$ 45,00

– Hoje recebi do filho Onésimo a importância de Cr\$ 40,00, sendo 20,00 para auxiliar o Vitório na compra do livro “O Método Musical” e os restantes 20,00 para ajudar o “Correio Riograndense” na compra dos maquinários tipográficos daquela redação: “Em favor e glória aos valentes soldados da boa imprensa”.

**2** – Domingo. Hoje, pela compra de pão ..... Cr\$ 5,00

– Com a esposa assistimos a missa na catedral.

– A Marina ficou aí na Aurora, para a irmã estar pronta ao serviço de costurar uma colchoada para a neta Anita Caprillhone.

**5** – Quarta. Hoje, às 8 e 30, subi na cidade. Conforme a intenção do filho Ovídio, fui no escritório da Cia Curtidora, onde fiz entrega ao empregado Sr. Valenza, da nota de conta corrente do filho Ovídio, que logo me serviu, depois de uma meia hora mais ou menos.

– Era para às 8 e 30, eu e o filho Vitório conforme combinamos ontem, para sair e ir embarcar no ônibus para irmos na Vila Oficina, e depois a pé seguir para a Granja Vera Cruz do Sr. Antônio Moccelin, mas, quando cheguei em casa da Aurora, era já as 9 e 30, então resolvemos seguir depois do meio-dia.

– Assim, às 14 horas, seguimos e depois de uns 15 minutos de espera, encostados no edifício da casa comercial Pernambucanas, chegou o ônibus onde embarcamos, sendo que o Vitorino pagou a passagem em 40 centavos de cada um. Depois de uns 3 quilômetros chegamos no fim da linha Vila Oficina. Agora temos de percorrer mais 3 quilômetros a pé, pela linda estrada que segue para Curitiba. Às 15 horas chegamos na residência do capataz Sr. José, o qual eu tinha visto na venda, perto da chácara da Cia Curtidora e logo que lhe dei o meu sobrenome conheceu-me, o qual mostrou simpatia pela nossa chegada. Logo chegou também o patrão Sr. Antônio Moccelin, que nos tratou delicadamente, embora atarefado que estava pela espera de visitas oficiais que estava esperando momento por momento.

– Sendo que o Vitório tinha sido encarregado pelo vigário da catedral, de comprar-lhe 2 quilos de uva, falou com o proprietário, o qual mandou o capataz a busca-la, ao pagamento o Moccelin disse que dava para o vigário de graça.

– Logo depois de ter comido um pouco de uva que nos favoreceu, agradecemos e nos despedimos.

– Seguindo para o regresso, depois de um quilômetro de percurso encontramos a comitiva de 5 luxuosos autos, onde encontravam-se embarcados um general de divisão, um general de estado maior do exército, e consta que tivesse também o ministro da agricultura.

– Depois de um percurso de mais ou menos 2 quilômetros, com calor um excessivo, e eu bastante cansado, procuramos uma venda onde o proprietário, um polonês, nos ofereceu assento para os dois. Mandei vir uma garrafa de cerveja, cujo copo encorajou-nos para outro. Me fez muito bem. A cerveja custou ..... Cr\$ 4,00

– Durante a meia-hora da nossa parada choveu um pouco. Depois de uns 800 metros mais ou menos, chegamos na estação dos ônibus, cujo carro chegou contemporaneamente a nossa chegada. Embarcamos e paguei de passagem para os dois ..... Cr\$ 0,80

– Às 18 horas nós dávamos entrada em casa da filha Aurora e às 19 horas na chácara.

**6** – Quinta. Parei em casa o dia todo, sendo que amanhã subirei na cidade para nos prepararmos para a viagem para Rio Caçador.

**8** – Sábado. Depois de nos terem arrumado as nossas duas malas para a viagem, eu, às 10 horas, subi e fui em casa do genro Luís<sup>1</sup>, pois devia ir na Delegacia para receber o meu Atestado de Vida que, para tal, o meu amigo e neto Rubens Capriglione<sup>2</sup>, a pedido, me arrumou uma necessária declaração, assinada por duas pessoas conhecidas e idôneas, mas que, para ter efeito jurídico, é necessário que sejam as assinaturas reconhecidas pelo tabelião. Em seguida de ter obedecido às exigências legais e ter conseguido o tal atestado, fui ao barbeiro e me fiz cortar a barba, que paguei ..... Cr\$ 3,00

– Por um lenço de bolso ..... Cr\$ 5,00

– Por um guaraná ..... Cr\$ 2,50

– Por um jornal ..... Cr\$ 1,00

<sup>1</sup> Luís Busato, casado com Aurora Dall'Acqua

<sup>2</sup> Rubens Capriglione, casado com Anita Busato, filha de Luís

- Por uma lâmina ..... Cr\$ 1,00
- Por um telegrama ao genro Maximino<sup>3</sup> ..... Cr\$ 6,20
- Por uma cerveja ..... Cr\$ 4,00
- Para o concerto dos sapatos .....
- Lavagem do chapéu ..... Cr\$ 20,00
- Às 12 horas, chegou também da chácara, embarcada no auto, junto ao genro Luís e trazendo as nossas malas, a minha esposa Marina.
- 9** – Domingo. Sendo que o horário da chegada do trem de São Paulo em viagem para o sul é às 12 horas, às 11h30m soubemos que estava atrasado de 1h40m; às 14h, embarcados num auto de praça, depois das despedidas de Luís, Aurora e família, seguimos para a estação ferroviária, e, em vez de sair no horário, que é às 14 horas, saímos às 16h20m.
- Saímos com Cr\$ 1.470,00, sendo que dos nossos tínhamos Cr\$ 970,00 e, com mais 500,00 recebidos na última hora do genro Luís, perfazem Cr\$ 1.470,00.
- Por três passagens de 1.ª classe até a Rio Caçador (Est. de Sta. Catarina) paguei ..... Cr\$ 204,00
- Corresponde a Cr\$68,00 a cada um, isto é, a mim, a Marina e ao filho Vitorino, o qual, depois de quase um mês de férias em Ponta Grossa, está de regresso, para dar novamente entrada no Seminário Superior de S. Leopoldo (no R.G.S.), no dia 7 do próximo mês de março. Assim, ele, de Caçador, terá tempo para, no caminho, visitar os colegas e os parentes, pois tem quase um mês de tempo para isso.
- Por uma cerveja junto ao filho Ovídio no buffet da estação ..... Cr\$ 7,00
- Por uma esmola ..... Cr\$ 1,50
- Pela revista Noite Ilustrada ..... Cr\$ 2,00
- A viagem não é nada confortável. Sacudimento, cansaço e sono abarcante.
- Chegada em Porto União
- 10** – Segunda. Saída de Porto União às 3h e 35 minutos.
- Por 3 peras ..... Cr\$ 1,00
- Chegada em Caçador às 9h e 20 min embaixo de chuva. Logo na chegada na estação, nos estava esperando o filho Plínio, o qual ajudou o seu irmão Vitorino a descarregar as 3 malas, em seguida chegou um auto de praça já encomendado pelo neto Angelin, filho do genro Maximino, o qual tinha arrumado previamente.
- A filha Gelsomina e a sua família ficaram muito contentes da nossa chegada, sendo que o genro estava ausente em serviço na Ponte Alta.
- A filha nos convidou, por estes poucos dias, a parar na casa dela.
- O restante do dia choveu. Como eu estava bastante cansado e com muito sono, a filha Gelsomina arrumou-me uma confortável cama e fui me deitar.
- 11** – Terça. Por um jornal ..... Cr\$ 1,00
- Hoje, eu, a Marina e Vitorino fomos visitar o filho Plínio e sua família, onde almoçamos. Às 14h principiou a chover por meia-hora.
- O meu cansaço continua e me incomoda. Porém, tenho esperança de que com paciência e descanso passará.
- 12** – Quarta. O tempo é de excessivo calor, e está com visíveis sinais de que a chuva não demora a desabar.
- Eu aproveitei de ir numa farmácia a comprar um vidro de Peitoral de Angico Pelotense para ver se consigo uma melhoria na minha impertinente e rebelde gripe catarral. O remédio Custou ..... Cr\$ 8,00
- Um sabonete ..... Cr\$ 2,00



Publicidade antiga do Remédio citado por Ângelo.

- No bar Donato, por uma limonada gasosa ..... Cr\$ 2,00
- Logo na volta em casa do genro Maximino principiou a chover.
- Hoje de manhã, a Marina e o filho Vitório foram em visita a família de Ermindo e Albertina Fontana a uns 3 quilômetros de distância, e pois, como o tempo está hoje ameaçando, resolvi de não acompanhá-los, e fiz bem, porque de tarde choveu.
- Tendo antes do anoitecer suspensa a chuva, o filho Vitorino aproveitou para voltar, e a sua mãe ficou para vir amanhã.
- 13** – Quinta. O tempo não está nada bom.

<sup>3</sup> Maximino Busato, casado com Gelsomina Dall'Acqua.

– Ontem vendi ao neto Angelin, filho do genro Maximino, uma coleção de moedas estrangeiras, sendo de 54 sortidas, e uma do império do Brasil de prata, no peso de 25 gramas de 2.000 réis, emitida no ano de 1851. Eu pelas moedas lhe pedi Cr\$ 200,00 e ele ofereceu-me Cr\$ 250,00.



Imagem de moeda de prata de 2.000 réis do ano de 1851.

– Com o filho Vitorino fomos convidados e ao meio-dia fomos almoçar em casa do filho Plínio.

– A Marina não voltou, ficou em casa do Ermindo Fontana. Eu senti de não ter podido visita-lo em casa por causa do tempo ruim, pois choveu todos os dias.

**14** – Sexta. Às 15 horas fui no barbeiro, onde mandei-me cortar a barba, que paguei ..... Cr\$ 2,00

– Durante o corte de barba choveu.

**15** – Sábado. Hoje, eu, a Marina e o Vitorino fomos convidados a almoçar no filho Plínio. O Vitorino não foi devido a visita que fez a seu cunhado Ermindo e a sua mana Albertina na chácara, fora da cidade junto ao seu colega.

– Depois do almoço em casa de Plínio, às 14 horas, nos deu a agradável surpresa, a visita do genro Walter Linzmayer de Taquara Verde, o qual nos deu notícia de que a Clélia, sua esposa e nossa filha, com os seus 2 filhinhos gozam ótima saúde e que no fim da próxima semana vão se mudar de Taquara Verde para a Ponte Alta (Sta. Catarina), ainda em serviço e por conta da firma ..... de que é sócio o seu cunhado Maximino Busato, também nosso genro e residente em Caçador. Porém, a Clélia, devido a um tratamento nos dentes vai ficar aqui na Gelsomina, sua irmã, por um tempinho.

– Ainda hoje ao anoitecer choveu.

**16** – Domingo. Com a Marina e o filho Vitorino, fomos assistir à missa das 9 e 30, antes porém, eu, o filho Vitorino e seu cunhado Maximino Busato fomos comer as tripadas, saborosas tripadas, no Bar-Restaurante Brasil. Pelos três paguei ..... Cr\$ 18,00

– Com uma garrafa de vinho ..... Cr\$ 3,00

– O calor continua sempre bastante forte.

– Sendo que a Marina tem que preparar e arrumar a mala do Vitorino, lhe pedi se era de comprar-lhe algumas coisas que lhe faltassem, pois como nada ele precisasse, desisti.

– Depois de uma semana que o Vitorino passou perante os parentes aqui em Caçador, e tendo que dar entrada no seminário central em S. Leopoldo antes do dia 7 do próximo mês de março, tendo também que visitar alguns colegas em Vila Maria e parentes em Evangelista e Guaporé no Rio Grande do Sul, então resolveu embarcar amanhã pelo direto das 6 horas para Passo Fundo.

**17** – Segunda. Partida de Vitorino de Caçador para Passo Fundo – Rio Grande do Sul.

– Às 5 horas o Vitorino e sua mãe estavam em pé. Às 5 e 30, depois das despedidas, embarcou no automóvel e se foi na estação, aí soube que o trem do norte para o sul estava atrasado de duas horas, sendo que o horário oficial pela chegada é as 6 da manhã.

– Hoje, com minha surpresa, amanheceu chovendo. Digo surpresa, pois ontem o tempo correu o dia inteiro lindo e sem chuva.

– O trem do norte saiu da estação para o sul às 11 horas, o Vitorino, em vez de partir às 6 horas da manhã, partiu com 5 horas de atraso.

– Choveu o dia inteiro, com o barro pegadiço e liso, nem se pode sair de casa. É uma barbaridade!

**18** – Terça. O tempo está ruim, embora que até as 11 horas o tempo correu sem chuva; o jeito é que não correrá liso sem que chova, como de fato às 15 horas principiou e continuou por uma meia-hora.

**19** – Quarta. Logo depois do meio-dia desabou uma violentíssima chuvarada que representava um dilúvio e que durou umas duas horas.

**20** – Quinta. Hoje, depois de vários dias que esperava dar uma volta pela cidade, e que não podia devido as chuvas que desde o dia 10 do corrente caíram pouco ou tanto todos os dias, pude andar, devido as ruas já estarem um tanto enxugadas, até do outro lado do rio, onde entrei no Bar-Restaurante dos Mandelli onde tomei uma água mineral que paguei ..... Cr\$ 3,00

– Aqui encontrei-me com o conterrâneo José (Beppi) Giacomini, conhecido ex-seleiro da Linha 11 de Guaporé.

– Na Livraria Caçador comprei um bloco de papel para cartas que custou ..... Cr\$ 6,00

– Mais um vidro de tinta encarnada ..... Cr\$ 2,00

– E 3 penas de aço ..... Cr\$ 2,00

– Por uma cerveja no Bar-Restaurante ..... Cr\$ 2,00

– Por duas lâminas Gillette ..... Cr\$ 2,00

– Por um vidro de Pílulas da Vida ..... Cr\$ 3,50

– Por 10 envelopes comerciais ..... Cr\$ 1,00

– Às 17 horas estava de volta em casa de Maximino e logo caiu uma chuvarada.

**21** – Sexta. Às 14 horas resolvi ir visitar a filha Albertina, a uns 4 ou 5 quilômetros, na chácara que pertence ao genro Maximino Busato, pela estrada do Castelhana, e como eu não estava prático do caminho, convidei o neto Néelson Dall'Acqua, filho de Plínio.

– Pela estrada, por caramelos e refrescos ..... Cr\$ 3,00

– Às 15 horas chegávamos em casa da filha Albertina, bastante cansados. A filha fez bastante empenho a fim de passasse a noite em casa dela, até que lhe prometi de fazer-lhe companhia. Às 19 horas principiou a chover; porém choveu pouco, às 21 fui me deitar.

**22** – Sábado. Às 7 horas levantei-me. O tempo estava nublado, porém não chovia, embora que a temperatura bastante elevada. Eu, desconfiando da firmeza do tempo resolvi voltar, assim, depois do café, agradecendo a filha da hospedagem e das bastantes melancias saborosas que comi.

– Subi a malfadada rampa de um quilômetro para chegar na estrada geral que segue de Caçador para Castelhana e Curitibaanos.

– Parei na venda dos irmãos Benetti onde tomei um copinho de bitter Água e comprei uma folha de papel em branco sem linhas ... Cr\$ 2,00

– Finalmente bastante suado e cansado cheguei em casa às 10 horas.

– Finalmente hoje aqui em Caçador não choveu.

Conforme esperada, hoje às 7 horas chegou de Taquara Verde a filha Clélia com as suas duas filhinhas. A Clélia hospedou-se aqui em casa de sua irmã Gelsomina. O seu marido Walter ficou em Taquara Verde a fim de acabar alguns serviços, e daqui 3 ou 4 dias com a mudança definitiva seguirá para cá, para em seguida se mudar com a família para a Ponte Alta, no município de Rio do Sul (estado de Sta. Catarina) em serviço de serrador para a firma de seu cunhado Maximino Busato. Hoje despesas de ..... Cr\$ 6,30

**23** – Domingo. Assisti a Sta. Missa das 9 e meia.

– Com a Marina, depois da missa, fomos visitar no outro lado do Rio dos Peixes, ao neto Fernando e sua mulher Arlete, sendo que o Fernando está de cama com gripe, porém ele vai com bastante melhora. Acha-se hospedado em casa de seu tio Binotti Busato.

– Às 16 horas, junto ao genro Ermindo fomos na sorveteria dos irmãos Ferraresi, onde tomamos 2 cervejas, das quais eu paguei uma, que custou ..... Cr\$ 8,00

Em seguida principiou a chover.

– Segundo o que disse o neto Fernando, amanhã devem chegar de Ponta Grossa (Paraná) os seus pais, sem falta.

**24** – Segunda. O tempo desde de manhã promete chuva. O céu está coberto com espessas e escuras nuvens. A temperatura é bastante elevada.

– Apedido emprestei à filha Gelsomina Cr\$ 150,00.

– Hoje, por dois vidros de Pílulas da Vida, no armazém Benetti, a Cr\$ 3,00 cada um, total ..... Cr\$ 6,00

**25** – Terça. O céu apareceu nublado, porém não chovia. Assim, eu com receio do tempo ruim, resolvi depois do café seguir para Caçador. Às 8 e 30, agradecendo me despedi da filha.

– Por despesas ..... Cr\$ 4,50

– Às 9 e 30 cheguei em casa de Maximino bastante cansado. De tarde choveu bastante.

**26** – Quarta. Hoje, o tempo abriu bonito.

– Pelo corte dos cabelos e a barba..... Cr\$ 5,00

– Por uma cerveja no Donato ..... Cr\$ 5,00

– E por um jornal “Correio do Povo” ..... Cr\$ 0,70

**27** – Quinta. Sabendo que o neto Fernando Busato, hospedado em casa do seu tio Binotti Busato, do outro lado do rio, recebeu de seu pai Luiz, de Ponta Grossa, uma carta, e eu pensando que a mesma tivesse algo a nosso respeito, hoje às 9 horas apresentei-me, porém não o encontrei e a sua esposa D. Arlete me diz que ele tinha ido no escritório da firma Indústria e Comércio Busato Ltda., resolvi ir até lá para ver de me encontrar com ele. Não o encontrei, então deixei o recado que quando chegasse antes de voltar para casa, desse uma passada em casa Maximino seu tio. Assim feito segui para casa já cansado.

– Às 11 horas o Fernando chegou, então lhe falei sobre o que nós e o pai dele Luiz tínhamos combinado, isto é, que se tivéssemos projetado de seguir para o Rio Grande do Sul, o dinheiro que nós precisássemos, o Fernando nos providenciaria, assim ele concordou. Porém, acontece que por intermédio do genro Maximino e seu cunhado Ermindo Fontana, tinham crédito do construtor Arlant, na importância de Cr\$ 2.926,00, conseguiu o dito Fontana o cheque daquela importância, assim, se como consta, que recebendo o Ermindo o dinheiro, de boa vontade me cederia a importância de Cr\$ 2.000,00, sendo eu seu credor da importância de Cr\$ 3.000,00, dinheiro emprestado a um ano mais ou menos, assim o Fontana se livraria de 2 terços da sua dívida comigo.

– Assim ficou combinado, caso contrário, teria precisão de recorrer ao Fernando para obter dele a mesma quantidade.

– Hoje comprei numa loja da Av. Barão de Rio Branco, uma carteira de couro para guardar dinheiro, a qual custou-me ..... Cr\$ 28,00

**28** – Sexta. O céu apareceu nublado e com jeito de mais tarde chover.

– Conforme consta que hoje o Maximino nos disse que ontem recebeu o dinheiro no banco na importância de Cr\$ 2.926,00, de um cheque que o seu cunhado Ermindo recebeu do Sr. Arlant do qual era credor e que consta que o Maximino tem ordem de me entregar da dita importância Cr\$ 2.000,00. Assim combinamos de embarcar para o Rio Grande do Sul com o trem direto de 2ª feira próxima, dia 3 de março.

– Neta data o nosso genro Ermindo Fontana restituiu-me Cr\$ 2.000,00 dos três mil que lhe emprestei sem juros em 4 de fevereiro de 1946 ainda na Casca.

– Hoje recebi restituídos da filha Gelsomina os 150 que lhe emprestei com a data de 24 do corrente.

– Despesas durante o Mês de fevereiro de 1947:

2	Paguei ao filho Ovídio	8,00
4	Por selos na col. Estadual	4,00
"	Por 3 guardanapos	15,00
"	Por 2 jornais e balas	1,50
5	De ônibus na V. Oficina	0,80
"	Uma cerveja na V. Oficina	3,00
7	Por um lenço de bolso	5,00
"	Por guaraná	2,50
"	Pelo corte da barba e jornal	4,00
8	Por 1 lâmina Gillette	1,00
"	Por telegrama ao Maximino	6,20
"	Por uma cerveja	4,00
"	Por conserto sapatos	?
"	Lavagem do chapéu	20,00
"	Uma gasosa	2,50
9	Cerveja, uma garrafa	7,00
"	Por 3 passagens até Caçador	204,00
"	Uma esmola	1,50
"	Noite Ilustrada	2,00
10	Por 3 peras	1,00
"	Por um jornal	1,00
11	Entregues à Marina	2,00
12	Peitoral de angico	8,00
"	Sabonete	2,00
"	Gasosa	2,50

13	Goma arábica	3,50
"	2 penas de aço	1,50
14	Corte de barba	2,00
15	Cerveja com Walter	5,00
16	3 tripadas (eu, Vitório e Maximino)	18,00
"	Vinho e esmola	3,50
20	Cerveja e água mineral	8,00
"	2 lâminas e Pímulas da Vida	6,00
"	Tinta encarnada	2,00
"	Bloco de papel para escrever	7,00
21	Doces, refrescos, papel e bitter Águia	5,50
22	Tinta sardinha	1,00
"	Tinta para sapatos	3,00
"	Uma caneta	0,80
"	3 penas de aço	1,50
23	Cerveja	7,00
24	Por 2 vidros Pímulas da Vida	6,00
25	Mais despesas	4,50
26	Cerveja	5,00
"	Corte de cabelo e barba	5,00
"	Correio do Povo	0,70
27	Por 1 carteira de dinheiro	28,00
28	Guaraná	2,50
	TOTAL	435,50

## Março - 1947

**1º** – Sábado. O tempo está como sempre, nublado e continuamente ameaçando chuva.

- Às 15 horas dei uma volta pela cidade, fui postar uma carta com jornal para o filho Onésimo, residente em Ponta Grossa (Paraná).
- Andei no bar-restaurante dos irmãos Dal Mas, onde tomei uma limonada que custou ..... Cr\$ 3,00
- No negócio do Biasi comprei uma gravata preta que custou ..... Cr\$ 14,00
- No quiosque do Sr. Schances comprei uma “Noite Ilustrada” que paguei ..... Cr\$ 1,50
- E no Salão Ernesto pelo corte de barba paguei ..... Cr\$ 2,00
- Às 16 e 30 estava de volta em casa.
- Hoje fui almoçar na casa do filho Plínio, eu lhe trouxe duas garrafas de vinho que paguei ..... Cr\$ 5,00
- Por balas às crianças ..... Cr\$ 1,00
- De tarde choveu um pouco.

**2** – Domingo. Junto à Marina assisti a missa das 9 e 30.

– Com o filho Plínio ajustei a conta como abaixo está declarado:

Casca, 22-8-1945

Ângelo Dall’Acqua em conta corrente com o filho Plínio

Vencimento de Ângelo recebido por Plínio em 1-8-45 da prefeitura municipal Guaporé 146,00

Ângelo entregou à Plínio em 17-8-45 500,00

Ângelo entregou à Sibila em 20-8-45 500,00

Ângelo entregou à Plínio em 22-8-45 3.854,00

5.000,00

Ângelo entregou a Plínio em várias datas de janeiro e fevereiro de 1946 1.000,00

Total cruzeiros 6.000,00

– Nesta data recebi do filho Plínio a importância de Cr\$ 50,00, correspondente ao preço de uma balança que eu lhe tinha encomendada e que o ferreiro (Calletti da Casca) não pode fazer e que era para o filho Onésimo de Ponta Grossa.

– Hoje choveu pelo espaço de meia hora.

– Sendo que amanhã temos que levantar às 5 horas a fim de embarcar para o sul (conforme o nosso projeto de viajar para o Rio Grande, em visita aos vários parentes), embora já escuro da noite, porém com a luz acesa, ajudei a Marina na arrumação das malas, e às 21 horas fui dormir.

**3** – Segunda. Às 5 e 30 já estávamos em pé. Neste momento soubemos que o trem direto, que nos devia levar para o sul estava atrasado de 4 horas, pois chegaria às 10 horas. Assim às 9 horas, eu, a Marina e o genro Maximino fomos descendo para a estação ferroviária, numa distância de mais ou menos um quilômetro. No placar anunciava que o atraso em vez de 4 era de 4h 30 min.

– Aí paguei pelos portadores das malas ..... Cr\$ 7,00

– Às 8 e 30 eu com o Maximino fomos tomar café, que paguei pelos dois ..... Cr\$ 14,00

– Logo seguimos novamente para a estação.

– Às 10 e 20 quando já o estacionário tinha aberto o guichê para despachar as bagagens, pois o trem não demoraria a chegar, quando apareceu o nosso neto Fernando com dois telegramas que tinha nos enviado o pai desde Ponta Grossa. No primeiro dizia:

*184 – Urgente. Para Fernando Busato*

*21-1-10 – Avise Ângelo Dall’Acqua que o Ovídio está atacado*

*doença mental (pt) Conveniente venha quanto antes*

*Abraços Papai*

No segundo dizia:

*Urgente Fernando Busato para Ângelo Dall’Acqua*

*P. Grossa 626-21-2-13*

*Ovídio melhorando (pt) Desnecessário virem (pt)*

*Caso piore avisaremos*

*Abraços Luiz*

– Para nós foi como um raio caído em pleno sol! Temos que suspender a nossa projetada viagem até posteriores notícias. Assim, com as nossas malas, voltamos de novo em casa de Maximino, e esperando outro telegrama em resposta a uma carta que expedi imediatamente ao Luiz pedindo-lhe notícias, estarrecidos sobre a triste notícia.

– Se os telegramas recebidos tivessem chegado uns 20 minutos depois, nós nada teríamos sabido, até a nossa chegada em Guaporé, que pode ser também no fim do corrente.

**4** – Terça. Hoje chegou de P. Grossa o Marcelino, irmão do genro Luiz, o qual pouco nos orientou sobre a grave doença do nosso filho Ovídio.

– Em vistas das poucas e confusas notícias, o neto Nando enviou outro telegrama ao pai dele, a fim de saber se devíamos voltar para casa ou se podíamos seguir a viagem para o sul.

– Hoje, para me entreter e passar o tempo, comprei na Livraria Caçador o livro “**Viagem à Aurora do Mundo**” de Érico Veríssimo, o qual custou ..... Cr\$ 20,00

– Por um lápis com a borracha ..... Cr\$ 2,00

– Por uma cerveja com o genro Ermindo ..... Cr\$ 5,00

– Entreguei à Marina ..... Cr\$ 5,00

– De tarde às 20 horas chegaram de Taquara Verde o genro Walter, a Clélia, nossa filha, e suas 2 pequenas filhinhas.

– De noite o tempo relampeando e trovejando, porém sem chuva.

**5** – Quarta. De manhã o tempo continua lindo, depois das 10, o calor do sol é fortemente insuportável, de tarde aparece outra vez a chuva.

**6** – Quinta. Hoje amanheceu chovendo.

– Sendo que até a presente data, depois do telegrama que o neto Nando enviou em 3 do corrente ao seu pai, a fim de saber algo respeito à doença do filho Ovídio, e não havendo resposta, a Marina resolveu de embarcar hoje com o noturno e seguir para P. Grossa e acertar-se da situação do filho Ovídio, e caso que a doença não fosse alarmante, ela teria voltado amanhã, para nós prosseguirmos na projetada viagem para o sul. Neste caso ela teria regressado para Caçador junto à filha Gelsomina, que hoje embarca para Curitiba em visita de uma sua filha já Irmã, e que leva também com o mesmo fim a neta Clara Zanatta, filha de sua mana Inês, e na volta de Curitiba seguiria para Ponta Grossa em visita dos parentes, e de aí acompanharia a sua mamãe até em Caçador.

Porém, na última hora, isto às 16 horas de hoje, chegou de Ponta Grossa outro telegrama, isto é, em resposta ao último do neto Nando enviado de seu pai, o qual dizia:

*Ovídio melhorando, podem seguir viagem Rio Grande*

*Abraços Luiz*

– Em vista disto, a Marina desistiu da viagem hoje para Ponta Grossa, e assim resolvemos de amanhã embarcar no direto para o sul.

– Por despesas hoje ..... Cr\$ 22,00

– Às 21 horas fui me deitar, pois amanhã temos que nos levantar às 5 horas da madrugada, pois o trem direto ai para o sul às 6 horas, no horário.

– Quando fui me deitar chegou a notícia de que o trem direto do norte para o sul vinha com um atraso de 6 horas.

**7** – Sexta. O tempo hoje é normal.

– Veio outra notícia da estação que no placar anunciava de que o direto do norte para o sul vinha com um atraso de 15 horas !!! Assim, se não houverem outros atrasos, embarcaremos a meia-noite.

– Por balas ..... Cr\$ 1,00

– Por um guaraná ..... Cr\$ 3,00

– Às 20 horas fui me deitar, sabendo que podia aproveitar de dormir até às 23 horas.

– Às 23 e 15 o auto buzina a nossa espera. Às 23 e 30 estávamos na estação, a condução do auto nos custou ..... Cr\$ 20,00

– No buffet da estação, por 2 bitter Águia para mim e o genro Maximino ..... Cr\$ 2,00

– Duas passagens de 1ª de Caçador até a estação de Erebangó no R.G do Sul, por cada um Cr\$ 91,00.

**Saída da estação de Caçador para a estação de Erebangó**

**8** – Sábado. Às 24h e 30, isto é, às 0h e 30 desta data, finalmente, depois de um atraso de 18 horas e 30 minutos, o direto dava entrada na estação, e poucos minutos após, saía em rumo para o sul.

– Na estação de Videira (Perdiz), aconteceu-me um pequeno incidente que podia ter a sua consequência, isto é, na chegada na estação o trem parou, eu por curiosidade, levantei-me da minha bancada, olhando pela janelinha, se por acaso teria alguma quitandeira a fim de providenciar algumas frutas, na ocasião descuidei-me de colocar o meu chapéu no assento. Nesta ocasião entrou no carro um sujeito meio ébrio, e quando eu, depois de, talvez um segundo de minuto, fiz para novamente colocar-me no meu lugar, o vi ocupado por uma malinha, eu não mexi, mas perguntei quem fosse o dono do objeto. Neste instante minha esposa, sem pedir licença ao sujeito, tirou a malinha e colocou em outra bancada onde havia outro sinal do mesmo homem, pois ele queria assegurar além de um lugar para ele, mais lugares para duas mulheres de vida alegre! Quando ele viu que no lugar da malinha estava vazio, ficou furioso e logo virou-se para mim que estava em pé no corredor e perguntou-me com que ordem eu tinha tirado a malinha dele. Eu lhe retruquei que não tinha mexido em malinha nenhuma. Então ele embrabeceu ainda mais, saindo com improperios a mim dirigidos, que se eu tinha dinheiro para viajar, ele também os tinha, e no mesmo instante deu-me um empurrão, que se não estivesse pegado na poltrona da minha esposa, eu, mal seguro das pernas, teria caído de costas no corredor. No mesmo instante, um jovem viajante de Porto Alegre que tinha presenciado o triste episódio, levantou-se do assento e em jeito ameaçador interveio em meu favor. Mas o agressor, visto que a parada não teria corrido bem em favor dele, assumiu-se! Não se pode saber em que estado eu tivesse ficado com a agressão daquele patife, daquele mal educado e malcriado, me veio a intenção de fincar-lhe a minha bengala com a ponta do prego, com toda a minha força, embora com a minha idade de aproximadamente 80 anos! Agradei o viajante de Porto Alegre e fui novamente sentar-me no meu assento com a alma atravessada.

– Chegada em Joaçaba às 5 e 15, em Capinzal às 6 e 40 e em Marcelino Ramos, no estado do Rio Grande do Sul, às 9 horas. Saindo da estação de M. Ramos às 9 e 30 cruzamos a estação de Viadutos às 12 e 40 e finalmente na nossa meta ferroviária de Erebangó às 14 horas. Logo no desembarque informei-me da residência da nossa sobrinha Irene, esposa do Sr. Ângelo Dozza, onde fomos cordialmente aceitos com toda cortesia e afeição.

– Pelo portador das malas ..... Cr\$ 5,00

– Quando saímos de Caçador (Sta. Catarina), o amigo Alcides Ferraresi nos pediu se (por favor), nós aceitávamos em nossa companhia a jovem moça Zenaide, filha do nosso conhecido Domingo Rossetto de Casca. Eu lhe fiz a observação que nós íamos de trem até a estação de Erebangó, e que de aí em diante nós teríamos seguido pelo interior da colônia em visita aos parentes, portanto nós não poderíamos acompanhar a moça até na Casca. Então o Alcides nos disse que a linha de ônibus da Linha Onze de Guaporé, percorria semanalmente para o estado de Sta. Catarina, e que na volta passava por Erebangó e que então a moça devia embarcar e seguir que no mesmo dia teria chegado em Casca.

– Chegando em Erebangó soubemos de que a linha de ônibus da Linha Onze não mais cruzava por aquele lugar. O Alcides Ferraresi igual não sabia da alteração do itinerário da Linha Guaporé-Sta. Catarina. Entretanto, embora sem nossa responsabilidade respeito a menor Zenaide pela sua viagem até em casa, foi hospedada pela boa família Dozza até aparecer uma condução de conveniência para ela.

– O dia seguinte, digo de tarde do mesmo dia, chegou do serviço o marido da Irene, que eu nunca a tinha visto, o qual sabendo da nossa parentela ficou alegremente contente da nossa chegada, mostrando em modo jovial o seu bom caráter de pessoa de espírito franco, sincero e educado.

– Na nossa observação respeito a moça que nos acompanhava e sabendo de como, o bom casal a aceitou também como se fosse uma parente.

– Logo a boa sobrinha Irene nos ofereceu um saboroso café com doces e conserva de frutas. O seu simpático marido Sr. Ângelo Dozza ofereceu-me também um cálice de ótimo vinho nacional.

– De tarde dei uma volta pela vila, que é o 2º distrito do município de Getúlio Vargas.

– Entrei num restaurante onde tomei uma limonada, que custou ..... Cr\$ 2,00

– Por balas ..... Cr\$ 2,00

– E pelo portador das malas ..... Cr\$ 5,00

– Dei de presente a um guri ..... Cr\$ 1,00

– Às 21 horas a Irene nos levou no quarto onde nos esperava uma confortável e macia cama, bastante própria para nós descansarmos da longa e sacudida viagem.

**9** – Domingo. Às 7 e 30 levantei bastante aliviado do cansaço da viagem.

– Às 9 horas senti uma estranha dor na barriga, a qual intermitentemente, ora mais forte, ora menos. O tal incômodo durou-me até o meio-dia mais ou menos. Tive que me deitar, até que afinal desapareceu, felizmente.

– Hoje completa-se um mês desde que saímos de Ponta Grossa. Quando partimos dessa cidade, nós ainda não tínhamos bem determinado se nós teríamos prosseguido a viagem de Caçador para o sul. A Marina tinha pouca vontade de seguir para o Rio Grande, alegando a razão de que só fazia mais ou menos um ano da nossa partida de Guaporé. Depois de um mês de forçada parada em Caçador, por causa do tempo inclemente e as chuvas diárias que caíam, a Marina, na ideia dela, era que o prosseguimento da viagem, nós a podíamos empreende-la em outras circunstâncias, mais tarde. Eu não pude me conformar, visto a minha idade avançada, e lhe fiz a observação que já a metade da viagem de P. Grossa até P. Fundo no Rio Grande do Sul, a temos percorrida, e que se nós não fôssemos em visita das filhas e parentes no sul, eu nunca mais iria, pois os meus 80 invernos estavam próximos a voar! Então, ela concordou comigo.

– Em Erebangó eu pensava de encontrar o sobrinho José de Maman, em vez, com minha surpresa, soube de que já a tempo estava residindo com a sua família em Passo Fundo.

**10** – Segunda. Às 8h da manhã, andei na estação rodoviária onde acompanhei a moça Zenaide, a fim de embarca-la no ônibus da linha Jacutinga-Getúlio Vargas, e desta estação, ela mesma teria providenciado a passagem para Casca. Quando eu embarcando no ônibus recém chegado e que a moça devia embarcar, reparei com minha surpresa de que no ônibus estavam também os nossos compadre e comadre Donadel, nossos antigos vizinhos em Casca.

– Depois das saudações, perguntei à comadre Marieta Donadel e ao seu marido, se estavam de acordo de fazer o favor à jovem Zenaide, filha do conhecido pedreiro da Casca, Domingo Rossetto, de acompanha-la até a Casca, favor de que a comadre de acordo com o seu marido, fazia de boa vontade.

– Depois das saudações, os três despedimo-nos.

– Esperando o ônibus, que de volta de Getúlio Vargas nos deveria levar até Jacutinga, caiu uma forte chuva pelo espaço de 2 horas, que durou até às 18 horas. O ônibus chegou com uma demora até aquela hora. Durante a chuva a sobrinha Irene quis ir na estação para extrair as nossas passagens desta localidade até Jacutinga, as quais custaram cada uma Cr\$ 11,00, total ..... Cr\$ 22,00

– Entretanto as estradas tornaram-se horrendamente lamacentas. Amassando barro, pois na vila, nas ruas não tem calçadas. Chegamos na estação rodoviária. Já tinha chegado de Getúlio o ônibus que ia para Jacutinga, cheio de passageiros. Qual não foi a nossa surpresa ao saber do condutor que no carro não havia lugar disponível para nós!

– Pois não tem outro remédio que esperar até amanhã, assim voltamos novamente em casa dos sobrinhos Dozza, os quais, como antes, nos disseram que a sua casa estava a nossa disposição, do que agradecemos.

**11** – Terça. Às 7 horas estávamos em pé. Durante a noite choveu bastante. De manhã suspendeu.

– Estamos na dúvida de abandonar o nosso projetado itinerário, porém, pensava de que as nossas passagens até Jacutinga estavam pagas desde ontem e que desde que o tempo é tempo, sempre foi bom e ruim, assim, resolvemos seguir pelo interior colonial. O tempo é ameaçador, será que nos atrapalhará?

– O horário de chegada do ônibus da empresa é às 12h, e a saída às 13, mas em consequência das chuvas caídas ontem e durante a noite, o ônibus chegou às 14 e 45.

– Depois de novos agradecimentos e a despedida dos bons sobrinhos, conseguimos embarcar, sendo que as duas passagens as tínhamos pago desde ontem.

#### Viagem para Quatro Irmãos

– Saímos de Erebangó às 15h e 30 minutos. A estrada é pantanosa, o veículo é um carro bastante antigo e todo escangalhado, segu e com dificuldade, lagarteando pela estrada lamacenta; quando teria percorrido uns 6 quilômetros ouvimos um estrondo, o que seria? O veículo parou, tinha se quebrado uma câmara de ar! O sacodimento do carro e as bancadas rebentadas tinham me causado um mal estar na minha ex fratura. Aí o patrão da empresa arrumou uma pessoa e a mandou de a cavalo no Erebangó a fim de poder arrumar a câmara de ar. Em duas horas foi e voltou pelos 6 quilômetros percorridos, porém, sem que a câmara fosse ajustada, pois não achou compostura! Assim, eles ajeitaram aí na estrada, um pouco na melhor forma. O tempo ia-se e a noite estava perto Depois de ½ hora de viagem, rebentou-se novamente a câmara. Estava esfriando e estava escurecendo e estávamos em pleno campo sem habitações! Fazer o que? De necessidade em vista de passar a noite sem recursos.

– Felizmente depois de meia hora apareceu um caminhão de carga, por vazio, cujo chofer, a pedido do empresário do veículo sinistrado, nos deu embarque, seguindo finalmente para Quatro Irmãos, onde chegamos às 19 horas. Aí procuramos um hotel, logo encontramos o Hotel Brasil, onde hospedamo-nos com os demais passageiros, ao todo 12 pessoas. Os proprietários do hotel são dois irmãos, muito boa gente, chamados Rossetto, ex-moradores do Mato Castelhana, município de Passo Fundo. Logo mandei preparar um café que nos fez muito bem, que paguei ..... Cr\$ 0,80

**12** – Quarta-feira. Às 7 da manhã estávamos em pé. Passei a noite regularmente bem. O tempo refrescou.

– A que horas nos chegará o ônibus sinistrado? Chegará já remediado?

– Depois do café fiz um giro pelo pequeno povoado Quatro Irmãos, habitado por quase total de elementos de Judeus.

– Numa casa de negócio comprei um caderno que paguei ..... Cr\$ 1,00

– Despesa no hotel, cama, café da manhã e almoço para dois, achei barato ..... Cr\$ 17,00

– Finalmente às 11 e 30 chegou o ônibus que deixamos ontem a 14 quilômetros em pleno campo com a câmara quebrada.

– Às 12 e 15 embarcamos novamente e seguimos para Jacutinga.

#### Para Jacutinga

– O condutor do ônibus escangalhado, Sr. Eugênio Orlandi (colono qualquer), nos garantiu que dava de chegar a Jacutinga com o ônibus dele sem inconvenientes, então, com boa fé e tranquilos, seguimos a viagem. Porém, parece um desdido, logo depois de uns 5 quilômetros ouviu-se novo rebento da câmara de ar! Nada vale embrabecer, não adianta. Depois de meia hora seguimos novamente, com a probabilidade antes de chegar em Jacutinga, que dizem temos de percorrer uns 13 quilômetros, devíamos aguentar mais 3 paradas! Como de fato adivinhei, não foram paradas de monta, mas sim paradas para apertarem os parafusos de uma roda a qual seguidamente ameaçava de sair da sua posição.

– Finalmente às 18 horas encerramos a bela provação da progressista Jacutinga, onde merece um comerciazinho, pois em poucos anos de existência tem umas 50 casas, já foi criada paróquia onde tem um distinto vigário, tem dois hotéis, tem sapatarias, curtumes, alfaiatarias, funilarias, ferrarias, carpintarias, casas de negócios, também caminhões de carga, automóveis, linha rodoviária diária até a sede de Getúlio Vargas, está situada numa ótima e saudável posição, rica de ótima água e terrenos fertilíssimos para a agricultura. Finalmente, é uma povoação que merece ser distinguida como um adiantado distrito futuroso do município de Erechim.

– Paramos no Hotel Brasil, onde levamos as nossas malas e onde com a minha esposa Marina tomamos uma garrafa de guaraná que paguei ..... Cr\$ 4,00

– Depois de tomada da informação da residência do sobrinho Gaetano Toni e seu cunhado A. Caron, os quais moram a mais ou menos a um quilômetro do povoado, deixamos as malas no hotel ao cuidado do proprietário, dizendo-lhe que em seguida nós as mandaríamos buscar. Assim, pegamos o caminho rumo a Getúlio Vargas. A primeira casa que encontramos foi a do sobrinho Caron. Em casa encontramos a boa sobrinha Pina de Maman Caron, que nos aceitou alegremente e logo nos preparou um saboroso café que aceitamos de boa vontade.

– Encontramos a Pina bastante depauperada, pois ela pelo tempo ido era bem corada e gorda, tinha uma boa e linda feição, agora a encontramos muito magrinha e bastante triste, coitada! Parece que aquela senhora tem padecido e que todavia está padecendo bastante no moral e em consequência também no físico!

– Logo, a uns 300 metros mais adiante, encontramos a linda e confortável morada do cunhado do Antônio Caron, nosso também sobrinho Gaetano Toni e a sua numerosa e exemplar família. Logo que nos viu, tanto o Gaetano como a sua estimada esposa Angelina de Maman Toni, nos vieram a encontrar e nos levar em sua casa, onde disseram que estava a nossa disposição. Ficamos bem impressionados pelo trato fidalgo que nos proporcionou toda a família Toni, a qual nos convidou a fazer-lhe companhia por alguns dias a fim de descansarmos.

– Falando francamente, achava-me meio cansado, não pela viagem de Erebangó a Jacutinga que tem 38 quilômetros, percorridos em 2 meros dias, isto em menos de 11 horas, mas pela viagem acidentada e sem conforto no ônibus de Sr. Eugênio Orlandi e as esforçadas paradas no caminho.

**13** – Quinta-feira. Hoje levantei-me bastante descansado, pois a cama boa e a quietude do espírito, nos deu hoje a vontade de nos encurtar a nossa parada e procurar as visitas dos demais parentes, isto é, o genro Vitório e sua esposa Estér Tessaro, nossa filha, e sua família, o sobrinho José (Beppin) Dall’Acqua e sua família, e os irmãos Matheu, João e Júlia de Maman Astolfi e mais o nosso sobrinho Luiz Sbardelotto, todos moradores nas redondezas de Jacutinga.

– Assim falei com o sobrinho Gaetano a fim de que se ele nos podia favorecer (pagando) a condução para nós irmos visitar, primeiramente nos irmãos de Maman, ele logo diz que nós não devíamos nos preocupar com isto, que quando fossemos fazer a tal viagem, teríamos carroça, animais e carroceiro.

– Pois como que o sobrinho Luiz Sbardelotto morava fora dos limites urbanos do povoado de Jacutinga, resolvemos hoje, de a pé, fazer-lhe a visita, assim, acompanhados pelo nosso sobrinho Gaetano, às 10 horas seguimos para a residência do sobrinho Luiz, filho do finado João Sbardelotto, irmão da minha esposa Marina. Depois de atravessar uma extensão de mais ou menos um quilômetro e percorridos mais uns 500 metros de boa estrada, encontramos a confortável morada do parente Sbardelotto, o qual nos proporcionou bastante prova de simpatia, convidando-nos em sua boa morada, onde a patroa e a família, nos fizeram festivamente alegre recepção.

– Pelo que vi, o parente está bem economicamente colocado. Ao meio-dia fizemos-lhe companhia prévio convite ao farto almoço. Em seguida chamou o seu filho maior, com os seus 13 ou 14 anos de idade, o qual apareceu com um monstro de uma gaita grande e lindíssima, nunca vista igual. Já quis nos mostrar a sua habilidade em tocar o tal instrumento. O lixo lhe custou, conforme ele disse, 4 contos e 600 cruzeiros!

– Às 15 horas, agradecidos, nos despedimos do bom parente e família.

– Na volta em Jacutinga, no Hotel Brasil, junto com o Gaetano tomamos um aperitivo que custou ..... Cr\$ 1,00

– Pela condução das malas, a um carroceiro de Jacutinga à casa do Gaetano ..... Cr\$ 2,00

– Antes de chegar em casa do Gaetano, fizemos visita em casa do conhecido Doro<sup>4</sup> Astolfi e sua esposa, ele mora perto da cidade. Outra visita a fizemos a sobrinha Josefina (Pina) de Maman Caron.

– Amanhã temos esperança de irmos em visita dos demais parentes.

#### Para Lajeado Grande

**14** – Sexta-feira. Conforme o nosso projeto de ontem, hoje a pedido, o bom Gaetano, depois do café, mandou preparar os animais e a carroça pelo seu filho Josepin. Assim, às 9 horas, embarcados na carroça guiada pelo hábil carroceiro Josepin, seguimos pela boa estrada que conduz na linha chamada de S. Pedro no Lajeado Grande, a uma distância de 10 quilômetros, onde moram os sobrinhos De Maman.

– A zona que íamos percorrer é de apreciável e lindo terreno, de rica e fertilíssima situação agrícola. Nunca na minha vida vi tão soberbas extensões de milharais, com espigas que davam inveja de apreciar, a extensão das plantações do dito cereal era tão grande como a vista da gente podia alcançar, era uma grande maravilha. Em quase todos aqueles 10 quilômetros havia milho, e bem limpo.

– Às 10 horas chegamos na pequena localidade denominada Petit Paris, aí tem uma bodega onde o carroceiro nos pagou uma garrafa de cerveja, aí está também instalada uma ferraria a vapor. Creio que pertença ao nosso sobrinho José de Maman, residente em Passo Fundo.

– Às 11 horas chegamos em Lajeado Grande. Logo nos apresentamos a primeira parente, isto é, D. Júlia de Maman, viúva Astolfi, a qual nos aceitou com alegria e agrado, conjuntamente com a sua família.



*Júlia de Maman, nascida em 1894 e falecida em 1960. Era filha de Ângela Dall’Acqua (irmã de Ângelo). Casada com Benjamin Astolfi, nascido em 1893 e falecido em 1940.*

*Imagem da década de 30.  
Fonte: acervo Dall’Acqua*

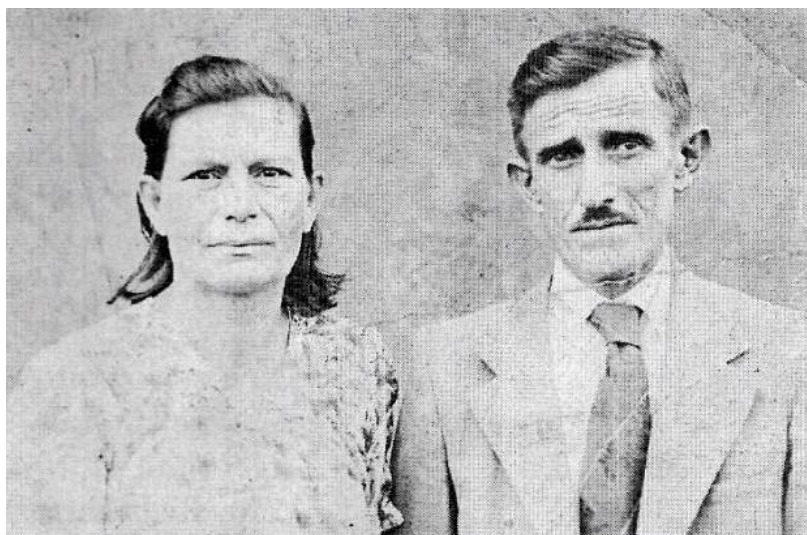
– Na localidade tem várias serrarias a vapor, de propriedade do José de Maman, como também as terras da zona, muito fértil e rica de grandes plantações de milho; as casas de moradias também pertencem ao dito industrialista De Maman.

– A Júlia, nossa sobrinha, carinhosamente nos fez muita festa pela inesperada visita.

– No almoço a Júlia além de nós, convidou também o sobrinho José Toni, o qual na viagem, embora com estrada sem quase pedras, procurou de nos suavizar a condução, sem bruscos choques e solavancos, os quais para a minha ex fratura da perna não são nada desejáveis, pelo que lhe fico gratíssimo.

<sup>4</sup> Doro – Isidoro Astolfi, nasceu em 1869 e faleceu em 1961. Era irmão de José Astolfi.

- A Júlia, sabendo que amanhã tencionamos sair em demanda da morada da nossa filha Estér, nos ofereceu os animais e a carroça.
- De tardezinha fomos visitar os outros sobrinhos: O João e Matheus de Maman, tanto um como o outro com as suas famílias nos aceitaram e deram-nos prova de afeição e carinho. O João ofereceu-se de amanhã nos levar até a casa de nosso genro Vitório Tessaro, pelo que ficamos contentes.
- Tendo a nossa filha Estér, não sei como, sabido que nós estávamos em casa dos parentes De Maman e, naturalmente em seguida nós iríamos visita-la, não esperou, encilhou o cavalo e não sei quantos quilômetros de distância (aproximadamente 13), veio nos procurar, chegando aí nos De Maman a galope, muito alegre da nossa chegada aí. Sendo já meio tarde para voltar em casa, passou a noite em casa do parente João com a sua mãe, sendo que eu a passei em casa do sobrinho Matheus.
- Antes do anoitecer o sobrinho, digo, o nosso neto, o carroceiro José Toni, despediu-se dos parentes, porém antes de ele sair lhe pedi quanto custava o frete, não teve jeito de cobrar nem um tostão! Eu, penhorado lhe agradeci.
- Antes de me apresentar a janta em casa do sobrinho Matheus, fui assegurar boa noite a Marina, a filha Estér e a família de João de Maman, a qual quis me oferecer um cálice de ótimo vinho, que aceitei agradecendo.



*O casal João De Maman e Júlia Zandonai em 1945.*

*Fonte: acervo Dall'Acqua*

- Depois da janta em casa de Matheus houve uma boa hora de palestra sobre vários assuntos, entre os quais comunicou-me que devido aos numerosos filhos que a sua esposa D, Vitória lhe favoreceu, foi o casal contemplado no favor do abono pelo governo, por possuírem .....<sup>5</sup> filhos de ambos os sexos, todos para baixo de ..... anos. Naquela família com alegria reinante e aquela ninhada de filhos e filhas é uma beleza a contemplar tanta filharada alegre e em boa saúde.
- Assim o sobrinho Matheus torna-se de parabéns duas vezes, a primeira pela graça de ser o afortunado pai de ..... filhos, todos são, e a segunda ser contemplado no abono e receber do governo a pensão vitalícia.
- Às 20 horas achando-me um tanto cansado, pedi o favor da cama, onde fui me deitar.

#### **Sáida de Lajeado Grande**

- 15** – Sábado. Depois do café, tendo o sobrinho João de Maman chegado com a carroça fornecida pela sua irmã Júlia, como também os dois animais; tendo nos despedido de todos os parentes agradecidos, rumamos pelo vasto vale do Rio Erechim, enxergando tanto a direita que a esquerda, roçadas de grandes plantações de milho. Às 9 horas, cruzamos pela água o Rio Erechim, pois não tem ponte e a água está bastante baixa para dar passo.
- Até o passo do dito rio, percorremos estradas bastante boas e planas, mas do rio para diante, o sacodimento na carroça, foi para mim e a minha ex fratura um tanto insuportável. O carroceiro procurava, quanto mais podia, para que os animais desviassem as pedras, pelo menos as mais grossas.
  - A filha Estér que não lhe incomodava a gordura e com uma coragem de dar inveja à heroína Anita Garibaldi, ia na frente com o seu, digo, montada no seu espirituoso cavalo. Depois de uma hora de viagem o nosso sobrinho João nos levou numa venda na margem da estrada, onde nos convidou a tomar um copo de cerveja, o qual reanimou-me um pouco o espírito. Depois de mais meia hora chegamos em casa da filha Estér, onde encontramos o seu marido, nosso genro Vitório e os seus bem gorduchos 6 filhos.
  - Ali pode-se imaginar com que festa nos aceitaram, Eles já nos esperavam desde ontem.
  - Depois do almoço, tendo previamente os filhos da Estér, isto é: a Ornela, Neiva, Onésimo, Casemiro, Mário e Sérgio, tratado os dois animais que nos puxaram a carroça, o sobrinho João de Maman, tendo recusado o serviço da condução, digo, não querendo compensação, às 15 horas despediu-se e voltou para casa.

---

<sup>5</sup> *Ángelo deixou em branco, mas pelos nossos estudos genealógicos, eram 14 filhos.*



Família de Estér Dall'Acqua e Vitório Tessaro.  
Fonte: acervo Dall'Acqua

– Pelos sinais, teremos chuva em breve, pois, será bom que a nossa permanência aqui seja breve, por causa que aqui achamo-nos entre os rios Lajeado Grande e Erechim, e se o tempo permitir da loucura de chover, é capaz de nos segurar presos como numa ilha. Assim, na 2ª feira pretendemos de sair, pois temos que voltar ainda em casa do parente Gaetano Toni, onde temos deixadas as nossas malas; e outra visita antes de chegar a Jacutinga, isto é, já que estamos no rumo, visitar o nosso sobrinho José, filho do meu finado irmão Luis, e talvez parar uma noite em sua casa.

**16** – Domingo. Passei o dia com os filhos da Estér, pois ela, seu marido Vitório e a Marina foram a um churrasco, onde tínhamos (eu também) sido convidados ainda ontem, pelo proprietário da morada onde estão residindo Vitório e a família. Eu não fui, mandei os meus agradecimentos, alegando o meu cansaço. Eu queria descansar.

– A morada do Vitório fica num alto, em meio de duas montanhas, eles como agregados do proprietário, que é, dizem boa pessoa, é italiano como mais ou menos a maior parte dos colonos da zona. O Vitório com a sua família está morando naquela localidade a mais ou menos 3 anos, agora, terão que se procurar outra morada, pois o proprietário vendeu aquela colônia, portanto terão que fazer novamente outro “São Martin” como dizem os italianos quando são obrigados a mudar de casa.

– Para o Tessaro e família torna-se uma grande inconveniência a saída daquele lugar, pois aí ele tirava o lucro sobre as plantações que eles faziam. De 4/5, isto é, sobre 5 partes eles ganhavam 4. Entreguei à Marina a fim de que ela os entregue à filha Estér ..... Cr\$ 100,00

– Às 9 horas, digo às 21, bastante cansado fui me deitar. Logo uma ventania norte-oeste principiou a soprar. Céu escuro está semicoberto de uma tênue neblina que encobre com uma cor de cinza o firmamento. Não se via uma estrela sequer. Amanhã teremos chuva sem falta.

**17** – Segunda. Às 5 horas acordei-me com a desagradável impressão, pois de acordo com a minha previsão de ontem, já tinha principiado a chover! Uma chuva fria e contínua impelida com forte ventania, parece que estamos em pleno inverno. Teremos que passar mais um dia em casa da filha Estér. Não faz mal, fazia bastante tempo que não nos víamos, um dia mais, um dia menos, não altera o nosso programa.

– Às 10 horas o vento virou, e o tempo abriu. Será uma cilada? Vamos ver! O resultado é que temos o prazer de fazer companhia mais um dia com a filha Estér e família.

– Às 20 horas tivemos a prova de que o tempo nos fez mesmo uma cilada, pois que naquela hora depois de um forte calor, principiou novamente a chover que parecia bastante tempo de seca!

– A Marina hoje meio adoentada dos rins, ficou de cama o dia inteiro. Agora estamos bem arrumados! A Marina de cama, eu ..... com bastante coragem, porém, com a minha ex fratura que de vez em quando me incomoda. E ainda mais com o tempo safado, que continuando com a chuva nos obrigará a permanecer na ilha até que os rios nos permitam de passar. A nossa situação torna-se bastante duvidosa. O meu pensamento, isto é, a minha preocupação é que temos ainda tantos parentes para visitar, e as estradas, como as entraremos?

– Enfim, também o dia 17 passou e às 21 horas fui dormir, passando a noite regularmente e apreciando a chuva no telhado!

#### Partida da casa de Estér

**18** – Terça-feira. Hoje finalmente parece que o tempo me permitirá sair da ilha.

– Depois do café, o genro Vitório foi buscar a carroça puxada com 2 bois, emprestada pelo bom proprietário da morada onde reside a Estér com a família, e depois de nos ter despedido da filha e sua família, sendo que o tempo nos permite, às 9 horas nós embarcados na carroça seguimos rumo a casa do sobrinho José Dall'Acqua (Beppi). Quis também a filha, a boa Estér acompanhar-nos até em casa do Beppi, que fica estabelecido com uma serraria a vapor no barranco do rio Erechim.

– Às 10 horas cruzamos aquele acidentado e largo rio sem conseqüências.

– Às 11 horas finalmente chegamos na residência do parente Dall'Acqua, que nos acolheu alegremente e cavalheirescamente. Ficamos bastante sensibilizados pelo seu trato afetuoso, não sabia, como também a sua família, como nos prodigalizar o seu bom trato.

– Às 17 horas o genro Vitório e a sua esposa Estér se despediram e foram para casa. Nós teríamos tido o desejo que eles passassem aquela noite aí em casa do sobrinho Beppi, mas eles não puderam, pois tinham que voltar para junto de sua família e devolver os bois e a carroça ao seu proprietário.

– Às 21 horas fomos a dormir. A cama foi boa, e embora a noite bastante fria, dormimos bem.

**19** – Quarta-feira. Às 6 e 20 estávamos em pé. A noite foi fria, desconfiava que houvesse geado, mas devido a neblina estendida sobre o vale do rio, não houve.

– A nosso pedido o Beppi, muito pressuroso nos disse que não devíamos nos preocupar pela condução da viagem até a casa do Gaetano, pois quando nós tivéssemos intenção de partir, ele com a sua carroça nos teria levado, porém que não devíamos ter pressa. Porém vista a nossa insistência e a nossa pressa, logo depois do almoço, mandou preparar a carroça e às 13 horas, embarcados, depois da despedida da família, saímos rumo Jacutinga, onde chegamos em casa do parente Gaetano Toni, depois de ter percorrido mais ou menos 5 quilômetros de estrada meio ruim, com bastante pedras, tocos, raízes de árvores, buracos e valetões.

– Às 15 horas, chegando em casa do Toni, a Angelina, sua esposa, nos ofereceu um cafezinho, que tomamos junto ao Beppi e sua esposa Lucinda, a qual também nos acompanhou até aí. Eu queria pagar a condução, mas o Beppi não concordou e não quis receber nada.

– Sendo que de tarde, às 19 horas, chegaria por aí, vindo da cidade de Jacutinga, o ônibus que nos levaria para o povoado Campinas e sendo ainda cedo, resolvi dar uma chegada em Jacutinga, pois acha-se a somente um quilômetro de distância. Entreguei à Marina ..... Cr\$ 10,00

– Fui no barbeiro, pelo corta da barba ..... Cr\$ 1,50

– Por uma cerveja ..... Cr\$ 5,00

– Por um cálice de licor à Lucinda ..... Cr\$ 2,00

– E para o filho da mesma, de presente ..... Cr\$ 4,00

– Às 16 e 30 fui visitar o conhecido e amigo Horeste Culpani, antigo morador da Linha 22 da Casca de Guaporé, proprietário do Hotel ....., o qual quis oferecer-me um cálice de licor, que agradecido aceitei.

– Às 17 horas em casa do Toni despedimo-nos do casal Beppi e sua esposa Lucinda, os quais voltaram para casa.

– Eu e a Marina, sendo que em breve cruzaria para Campinas o ônibus da linha, despedimo-nos dos parentes, penhorados pelo agasalho e bom trato.

#### **Sáida da casa do sobrinho Gaetano Toni de Jacutinga e viagem para Campinas**

**Continua no caderno N° XLI (41)**